

Nasalidade em Tapirapé Interpretação para um caso clássico mal explicado

Wilmar da Rocha D'ANGELIS & Consuelo de Paiva G. COSTA

UNICAMP / UESB

Introdução

A língua Tapirapé é falada em duas áreas do nordeste do estado de Mato Grosso, às margens do Rio Tapirapé (afluente do Rio Araguaia).

A língua Tapirapé tem sido reunida às línguas Asurini e Guajajara no Ramo (ou sub-grupo) IV, dos oito que Aryon Rodrigues propôs para a família Tupí-Guaraní. Integram o mencionado Ramo IV: Tapirapé; Asurini do Tocantins, Parakanã; Suruí (Mujetire); Avá-Canoeiro; Tembé, Guajajára; † Turiwára.

Uma particularidade desse grupo é a perda de nasalização (desaparecimento de oclusivas pré-nasalizadas e de espalhamento nasal), sendo que Asurini e Guajajara são línguas em que se aponta também a perda de vogais nasais.

Assim, nesse pequeno sub-grupo do Tupi-Guarani, o Tapirapé é visto como a exceção que mantém a distinção entre vogais orais e nasais. Além dessa peculiaridade, o Tapirapé possui um fonema /ã/ – derivado de

/a/ do Proto-Tupí-Guaraní – de comportamento 'estranho', alinhando-se com seu conjunto de vogais orais em distintas circunstâncias.

Tudo isso nos leva a revisitar a análise fonológica do Tapirapé, e propor uma solução que, de certo modo, o aproxima mais ao Asuriní e Guajajara, ao mesmo tempo que mostra a possibilidade de outras abordagens aos fenômenos de nasalização em línguas amazônicas¹.

Sistema vocálico e nasalidade em Tapirapé

Segundo Yonne Leite (2007: 377), pesquisadora responsável por parcela fundamental dos estudos de fonologia do Tapirapé, essa língua

"agrupa-se com o Asuriní por ter cinco vogais e não as seis do proto-sistema. (...) Porém, o Tapirapé mantém as vogais nasalizadas, enquanto o Asuriní e o Guajajara perdem a nasalidade vocálica".

Por sua vez, Fábio Duarte (2007: 23), que estudou o Tenetehára, destaca que, no sub-grupo IV da família Tupí-Guaraní,

"o Tapirapé e o Asuriní do Tocantins se aproximam muito por reunirem, além dos traços fonológicos (...), traços gramaticais."

Enquanto lingüistas afirmam que não há espalhamento ou propagação de nasalidade nessa língua, mas que seu sistema fonológico apresenta vogais nasais intrínsecas – e não derivadas de históricas estruturas VN, isto é, de sílabas travadas por consoante nasal em coda – os próprios falantes nativos, em seu material didático e outros textos escritos, não grafam quase nenhum til.

A ortografia da língua, inclusive, passou por um processo que começou com a sinalização gráfica (~) em todas as vogais (nasais), passou pela completa eliminação do diacrítico e chegou a uma representação intermediária, somente nas sílabas tônicas e nos casos em que funciona como acento diferencial².

Segundo Yonne Leite, o quadros abaixo representam o sistema fonológico do Tapirapé³:

¹ Os autores agradecem os comentários críticos de Leo Wetzels, que ajudaram a aperfeiçoar algumas passagens.

² Cf. Paula 1999/2000: 45-46.

³ Cf. Leite 1977 e 2003: 51.

CONSOANTES					
p	t	tʃ	k	kʷ	ʔ
m	n		ŋ		
	r				
w		j			h

VOGAIS					
ORAIS			NASAIS		
i	ɨ		ĩ	ĩ̃	
e		o	ẽ		õ
	a			ã	

As vogais, tal como dispostas no quadro acima, não constituem mais que um inventário com inspiração fonética, em lugar de um sistema fonológico de traços opositivos. Propomos – aceitando, por ora, que o inventário esteja correto – o seguinte arranjo como expressão de um efetivo sistema vocálico fonológico:

VOGAIS					
ORAIS			NASAIS		
não-arred x arredond			não-arred x arredond		
i	ɨ	o	ĩ	ĩ̃	õ
e	a		ẽ	ã	

Ainda que bastante plausível, entendemos que essa não é, entretanto, a interpretação que melhor faz jus aos fatos históricos (e, como sugeriremos, também não o faz à sincronia do sistema).

Observemos os conjuntos de dados abaixo, empregados na literatura como evidência do status fonológico das vogais nasais⁴:

A

1.	ta'wã	testa	2.	'tãw+ã	aldeia
3.	'hawa	folha	4.	'hãwa	pena
5.	ã'pe	caminho dele	6.	ã'pẽ	está torto
7.	ã'pi	fruta vermelha	8.	ã'pĩ	mamãe
9.	ã'ti	esposa	10.	ã'tĩ	duro
11.	xo	espinho	12.	xõ	capim

B

1.	xã'wãã	cachorro	2.	xãwãã	tucum
3.	tã'kãã	grande casa ritual			

A explicação para a existência de palavras inteiramente nasais como as do grupo B dispensa o recurso à propagação de nasalidade. Yonne Leite sugere que estas vogais são resultado de processo de mudança que ocorreu na língua, em relação ao Proto-Tupí-Guaraní. Assim, em relação à proto-língua, uma palavra como ***jaguara** ('onça') muda-se na forma vista em B.1, acima, pela conversão da vogal ***a** em **/ã/**:

$$\begin{array}{c}
 * \text{ jaguar} + \text{ a} = \text{ onça} \\
 \begin{array}{ccc}
 \diagdown & | & \diagup \\
 & & \\
 \text{ xãwãã} & = & \text{ onça}
 \end{array}
 \end{array}$$

Igualmente distinta de outras línguas Tupí – como o Guaraní do Sul –, o Tapirapé não apresenta uma série soante que alterna entre uma realização plenamente nasal (**m**, **n**) – diante de vogal nasal – e uma realização pré-nasalizada (**mb**, **nd**) – diante de vogal oral. Em outras palavras, em Tapirapé uma consoante nasal realiza-se como nasal plena, invariavelmente, seja diante de vogal oral, seja diante de vogal nasal.

⁴ Na apresentação de exemplos, reproduzimos as formas presentes nas obras de onde foram colhidas, à exceção de uma padronização: adotamos sempre a forma ortográfica **x** para a consoante que, nas diferentes obras, ora aparece representada por **t'**, ora como **č**, ora como **x**.

A mesma mudança vocálica de **a > ã* é empregada na explicação da não ocorrência de propagação ou espalhamento de nasalidade na língua:

"A explicação para o não retrocesso da nasalização em Tapirapé e seu status fonêmico nesses casos talvez esteja ligada à nasalização do proto **/a/* para */ã/* em Tapirapé, assim como à mudança do proto **/o/* para */a/*." (Leite 1977: 7).

Em trabalho recente (2007: 378), Leite escreveu:

"É o processo, sem restrição contextual, de nasalização do **a* que singulariza o Tapirapé no grupo da família Tupí-Guaraní, processo bastante produtivo que se aplica aos empréstimos como **ãrãpãtura** 'rapadura', **kãrãxã**, 'karajá', **kãxãpo**, 'kayapó'."

Não entendemos que seja um processo no sentido estrito, e sua suposta 'produtividade' é a mesma que a de todo ajuste fonológico que se faz, em qualquer língua, para vocábulos estrangeiros, ao sistema fonológico próprio. Leite interpreta os fatos como um processo de nasalização pela dificuldade em explicar ou justificar que uma língua que continua contando com um fonema */a/* oral, não interprete um */a/* de uma palavra estrangeira como uma realização daquele seu fonema oral, e dê, ao fonema estrangeiro, uma realização 'nasal' na incorporação do empréstimo.

Queremos sugerir que o Tapirapé *mudou seu sistema vocálico*, sim, mas sem que a nasalização de **a* represente, efetivamente, emprego da oposição oral-nasal.

Os empréstimos (mencionados por Leite) das palavras 'rapadura' e 'karajá' são bastante ilustrativos. Observe-se a transcrição de sua pronúncia em Português, em paralelo com a forma adaptada ao Tapirapé:

[hapa'durɐ]	ou	[,hapɐ'durɐ]	[kara'za]
rãpãtura			kãrãxã

Em **ãrãpãtura** é evidente a relação entre as realizações mais abertas do fonema */a/* em Português com sua interpretação como **ã** no Tapirapé, enquanto a realização átona final reduzida da vogal */a/* em Português recebeu a interpretação **a** em Tapirapé. Em **kãrãxã** (oxítone em português), com a última vogal claramente aberta, todas as vogais passam a **ã**.

Retomemos o problema da interpretação da mudança do sistema vocálico. Novamente, segundo Leite (2007: 378):

"O exame da fonologia mostra que o contraste das cinco vogais orais e nasais se restringe à posição de sílaba tônica final (...)

"Porém em sílaba átona pré-tônica, o contraste só vigora para a vogal central baixa /ã/ que se opõe a /a/, indicando nos verbos a 1ª pessoa e 3ª pessoa, contraste esse que se neutraliza quando a consoante que se segue é uma consoante nasal. E, mais, *das vogais nasais* apenas /ã/ ocorre em sílabas pré-tônicas." (grifos nosso)

É indiscutível, por corresponder à adequação observacional, que o contraste de vogais orais x nasais (ou o contraste de nasalidade em vogais) se restringe à posição tônica. Discordamos, no entanto, que /ã/ seja uma vogal nasal *rebelde*, que vai onde vogais nasais não deveriam ir.

A propósito, um outro contexto em que a suposta *rebeldia* desse fonema se manifestaria, seria aquele favorável à nasalização de oclusivas iniciais de sufixos, como **ta** (gerúndio). Com raízes terminadas em consoante oclusiva ou nasal, ocorre o sufixo {-a}. Para os demais casos, eis a forma apresentada por Leite (1995: 170):

"O sufixo **-ta** ocorre com raízes terminadas em **ãj** e **Vj**" (isto é, raízes terminadas em /j/ precedido de vogal oral ou de /ã/). Os exemplos são:

- | | | | |
|----|---------------|-------------------|----------|
| a. | poraãj | poraã + ta | dançando |
| b. | ekij | eki + ta | puxando |
| c. | koj | ko + ta | caindo |

"O sufixo **-na** ocorre com raízes terminadas em **Ũj**, com exceção de **ãj**" (ou seja, raízes terminadas em /j/ precedido de vogal nasal, exceto /ã/). Os exemplos são:

- | | | | |
|----|----------------|--------------------|------------|
| a. | eŨj | eŨ + na | coçando |
| b. | xemimõj | xemimõ + na | cozinhando |

Nos dados acima, a generalização mais apropriada é a que afirma que o gerúndio se realiza por um sufixo {-ta}, que se nasaliza quando precedido de vogal nasal, passando a [na]. No entanto, como mostram os dados, a vogal /ã/ agrupa-se com (ou comporta-se como) as vogais orais, nesse processo, e não com as nasais.

Leite (2007: 379) agrega um outro 'complicador' à análise do *rebelde* /ã/:

"Intermorfemas, a vogal nasal **ã** tem um comportamento singular: nasaliza a consoante oclusiva /**k**/ do morfema seguinte, mas não nasaliza as demais oclusivas."

(4)	a)	e'ã kã'to	eãŋã'to	olho bonito
	b)	ã-xo'kã-pãp	ã-xokã'pam	matei todos
	c)	ã-xo'kã-pa'tãn	ã-xokãpa'tan	vou matar
	d)	e'ã+poko	eãpo'ko	olho comprido

E conclui:

"Só é possível formular uma regra que dê conta dessa assimetria de uma maneira ad hoc, pois não há uma motivação fonética que permita motivar o bloqueio do espraçamento da nasalização para a oclusiva labial e sua aplicação para a oclusiva velar." (Leite 2007: 379)

Não se nega a realidade fonética nasalizada da vogal /**ã**/, de modo que a 'contaminação' fonética por essa nasalidade pode ocorrer por fonemas contíguos, se a fonologia da língua o permitir. O problema, para a análise em discussão, está na interpretação de [**ŋ**] como fonema.

Na realidade, o fone [**ŋ**] não ocorre em início de sílaba – restrição que não se aplica aos fonemas /**m**/ e /**n**/ – a não ser como resultado de processo morfofonológico ou no caso apresentado na citação acima (em 4.a). Entendemos, pois, que não se trata de um dos fonemas da série de soantes nasais da língua, mas apenas – e sempre – de resultado de processos sobre a consoante velar /**k**/.

Assim, o que os dados acima selecionados mostram – em (4), na transcrição acima – é que a nasalização de /**k**/ a partir da vogal /**ã**/ é possível, mas a nasalização de */**p**/ > [**m**] e de */**t**/ > [**n**] está interdita, porque [**m**] e [**n**] se confundiriam com os respectivos fonemas⁵.

⁵ Para os exemplos em (4), Yonne Leite (1995: 174) propõe que a nasalização de /**k**/ acontece por sua ocorrência entre duas vogais nasais (em 4a), que é provocada por uma fusão do traço nasal das vogais que circunscrevem a consoante. Infelizmente a proposta não se apoia em exemplos nos quais uma consoante /**k**/ inicial de morfema esteja precedida por vogal nasal e seguida por vogal oral. Não temos acesso a dados do Tapirapé que não sejam os disponíveis em publicações, de modo que também não podemos assegurar a generalidade de nossa interpretação. Se a condição proposta por Leite se confirma, isso não prejudica o ponto que defendemos aqui, acerca do caráter fonético dessa nasalidade (ao contrário, a torna até mais facilmente explicável, em uma abordagem de fonologia lexical).

Há, ainda, um outro intrincado problema para a interpretação da nasalidade no Tapirapé, que também diz respeito à nasalização de consoantes oclusivas na fronteira morfológica. Os exemplos abaixo mostram o que ocorre com as oclusivas na junção morfológica da raiz com um sufixo de 'passado recente' (Leite 1995: 174) :

- a) **a + xokã + pãp** = **axokã'pam** acabou de matar
 b) **a + iwõ + pãp** = **aiwõ'mam** acabou de flechar
 c) **a + nopĩ + pãp** = **anopĩ'mam** acabou de bater

A primeira coisa que se observa é que a consoante bilabial inicial do sufixo sofre efeito de nasalização da margem direita do morfema da raiz, *exceto, justamente*, quando o fonema final da raiz é um /ã/ (exemplo a). É um evidente caso em que os disparadores do processo são as ditas vogais nasais, conjunto em que, claramente, não se enquadra o fonema /ã/ (situação que já constatamos, acima, com respeito ao morfema de gerúndio).

Observe-se, também, nos dados vistos anteriormente, que o sufixo {-pãp} realiza-se, em todos os casos, foneticamente com uma coda nasal: ora [pãm], ora [mãm].

Nossa interpretação para as sílabas tônicas nasais (sempre, a última da raiz) em Tapirapé é diferente daquela que propõe uma restrição de ambiente para operação da distinção de nasalidade em vogais. Em outras palavras, em lugar de advogarmos a existência de um conjunto de fonemas vocálicos nasais com participação restrita à sílaba tônica das palavras em Tapirapé, propomos que a nasalidade é uma propriedade ou característica do morfema, alocada na rima da sílaba tônica. Nessa posição, ela não apenas nasaliza a vocal, como também nasaliza qualquer consoante que integre a coda.

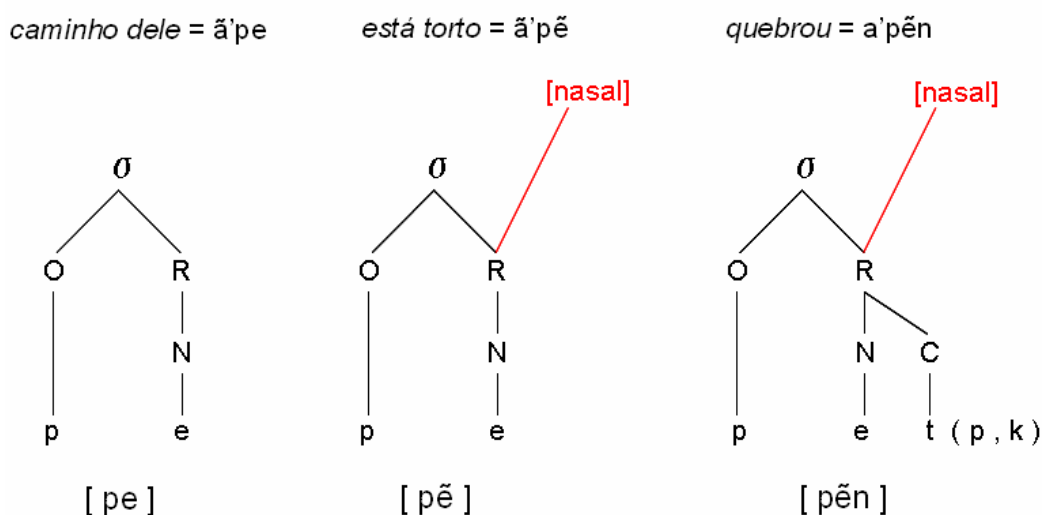
E tenha-se em conta que os falantes nativos aceitam escrever o sufixo acima como **pãp**, sem opor dificuldades, sinal de adequação da interpretação fonológica para a consoante em coda⁶.

⁶ Registra-se, na literatura, o caso do sufixo de futuro imediato (*querer*) que tem, entre outros alomorfes, as formas superficiais [-am] e [-an]. Em um exercício de ditado, elas foram grafadas como **at** e **ap**, pelos alunos. Por exemplo, a palavra [akwããmatã] 'ele quer saber' foi escrita **akwaamatãt**, com uma consoante oclusiva na coda final. Para mais detalhes, ver: Leite, Soares & Souza (1987: 245 e 255); Soares & Souza (1983: 112); e Soares (1997: 39).

Assumimos, portanto:

1. que o Tapirapé não possui um conjunto de vogais nasais subjacentes, não se distinguindo, nesse aspecto, nem do Asuriní, nem do Guajajara.
2. que a nasalidade é distintiva apenas na sílaba tônica (última sílaba da raiz da palavra), em cuja rima se dá a alocação de um autosegmento nasal.
3. que a vogal /ã/ constitui a sexta vogal oral do sistema fonológico do Tapirapé, e está em direta relação de oposição a /a/. Essa oposição se neutraliza na sílaba tônica.

Compare-se a representação da última sílaba das palavras:



Essa interpretação da nasalidade também permite explicar situações como a exemplificada pelos dados abaixo:

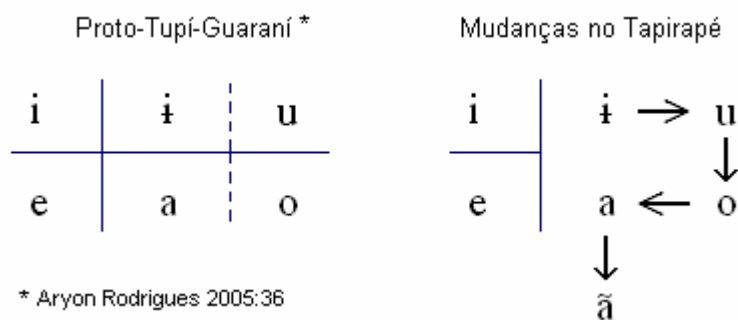
- a) **konomĩ** + **kãto** = **konomĩãto** menino bonito
- b) **nami** + **kãto** = **namikãto** orelha bonita

Seguindo a interpretação proposta, a palavra **konomĩ**, oriunda de uma forma com vogal tônica nasal, conta com nasalidade alocada na sílaba final, enquanto **nami** não conta com essa nasalidade, oriunda que é de uma palavra com vogal tônica oral.

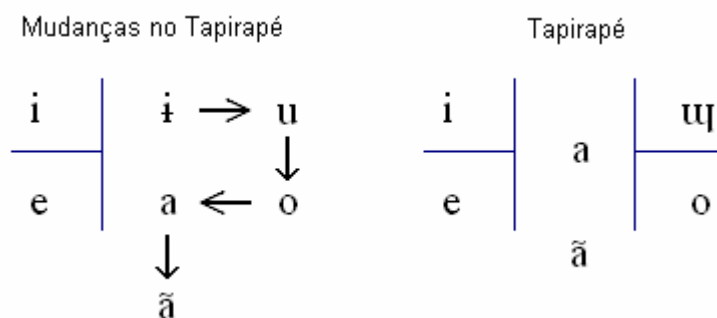
Compare-se com as formas do Guaraní, língua que conserva a alternância entre consoantes nasais e consoantes pré-nasalizadas, condicionadas pela vogal (nasal ou oral) da sílaba.

konomĩ = [kõnõ'mĩ] > **kõnõmĩʔa'to**
namĩ = [nã'mbi] > **nambika'to**

Considerando as principais mudanças verificadas no sistema vocálico do Tapirapé, em relação à proto-língua (em que /i/ recua para /ɨ/; /u/ e /o/ fundem-se em favor do último; /ɔ/ > /a/; alguns /a/ passam a /i/ mas a maioria se torna /ã/)⁷, sugerimos o seguinte esquema de interpretação para tais mudanças:



Como se vê, as mudanças não afetam as vogais anteriores, mas apenas as vogais posteriores, nas quais desfazem a distinção entre vogais arredondadas e não-arredondadas. Disso resulta um novo sistema fonológico, representado no esquema a seguir (no qual se repete a representação das mudanças, para melhor visualização):



⁷ Cf. Soares & Leite (1991: 40-49).

O sistema resultante distingue apenas vogais altas de baixas, e anteriores de posteriores. As vogais centrais não participam dessas oposições, como justificaremos a seguir. Antes, dizemos duas palavras sobre o movimento que produziu uma vogal /ã/ que, segundo propomos, foneticamente comporta nasalidade, mas não fonologicamente nessa língua.

Como interpretação fonético-fonológica para a mudança principal, que afeta a vogal baixa, seguimos uma hipótese de Aryon Rodrigues (2003), segundo a qual, trata-se de um movimento de aumento de ressonância na cavidade oral pelo abaixamento da vogal – e, no caso de /*a → ã/, também nasalização – o que produz o efeito acústico da compactação. Ou seja, a vogal se torna [+compacta] e o artifício fonético para conseguir essa maior compactação é o abaixamento e/ou nasalização.

Sobre um sistema vocálico assim constituído, chama a atenção, como dissemos, a posição das vogais centrais, /a/ e /ã/. Como já adiantamos, a de grau máximo de sonoridade, /ã/, mais compacta, por elevação de F1 (por isso, mais baixa), não integra um sistema à parte, de vogais nasais, que não reconhecemos na língua. Por sua vez, /a/ não está em oposição direta com a posterior arredondada /o/, uma vez que *a correlação de arredondamento também já não opera* nessa língua.

Não é comum observarmos uma situação tão peculiar nas línguas indígenas brasileiras. O fato, no entanto, não torna isso impossível ou inconcebível. Vejamos uma passagem de Nikolai Trubetzkoy ([1939] 2008):

"... existem casos em que, além dos fonemas vocálicos das classes de timbre extremas, um sistema vocálico de vários graus possui ainda um outro fonema vocálico não-arredondado que não pertence a qualquer das classes de timbre, e que não tem nem o grau máximo nem o grau mínimo de sonoridade. Uma vez que tal fonema vocálico pode, por isso, ser caracterizado apenas negativamente, ele pode ser designado como uma 'vogal indeterminada'. Esse fonema não deve ser confundido com o único representante da classe média ou central (não-arredondada) de timbre: este último participa em uma relação de oposição pura (isolada bilateral) de timbre com u e i, enquanto a 'vogal indeterminada' não se situa em uma relação de oposição bilateral com qualquer outro fonema do sistema vocálico e não participa, em todo caso, de nenhuma oposição de timbre propriamente dita."

Ainda Trubetzkoy, pouco adiante:

"... a vogal indeterminada não deve ser considerada como o único representante de uma classe medial de timbre específica, mas como um fonema vocálico

situado fora de qualquer classe de timbre. Como um resultado disso, a vogal indeterminada pode entrar em uma relação especial com a vogal de máximo grau de sonoridade que caracteriza os sistemas triangulares e que também situa-se fora de qualquer classe de timbre. Sob certas circunstâncias, uma vogal 'indeterminada' em um sistema triangular pode tornar-se, assim, uma vogal 'específica' por entrar em uma relação de oposição bilateral com **a**."

Com isso, concluímos que há sustentação para a sugestão de um sistema vocálico, no Tapirapé, que não conta com um conjunto de vogais intrinsecamente (ou, subjacentemente) nasais. Essa sustentação vem, sobretudo, dos fatos unanimemente reconhecidos, mas apontados, até aqui, como incongruências, que levaram a considerar a vogal /ã/ como *singular*, para não dizer, problemática. A solução aqui proposta aproxima mais o Tapirapé das outras línguas do Ramo IV da família Tupí-Guaraní e, se tomada sem os preconceitos de posições cristalizadas, pode contribuir a uma nova percepção daquele conjunto e sugerir novas perspectivas de entendimento de seus processos históricos de mudança.

Para encerrar, resumimos as conclusões já adiantadas anteriormente, e apresentamos o que concluímos ser o sistema fonológico (consoantes e vogais) do Tapirapé:

1. não existem vogais nasais nessa língua.
2. /ã/ é a sexta vogal de seu quadro de vogais orais.
3. no Tapirapé a nasalidade constitui um autossegmento⁸ que se aloca na rima da última sílaba da raiz.

O sistema fonológico é assim constituído:

CONSOANTES					
p	t	tʃ	k	kʷ	ʔ
m	n				
w	r	j			h

VOGAIS	
i	uɥ
e	a
	ã
	o

⁸ Nos marcos de modelos lineares dir-se-ia ser suprasegmental.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Antônio, IRMÃZINHAS de JESUS, Paula & GOUVÊA de, Luiz
1983 *A língua Tapirapé*. Rio de Janeiro: Xérox do Brasil.
- COSTA, Consuelo Paiva G.
2007 *Apyngwa rupigwa; nasalização em Nhandewa-Guarani*. Tese de doutorado, Campinas: IEL-UNICAMP.
- DUARTE, Fábio Bonfim
2007 *Estudos de Morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Fac. de Letras da UFMG.
- LEITE, Yonne F.
1977 *Aspectos da Fonologia e Morfofonologia Tapirapé*. Rio de Janeiro: Museu Nacional-UFRJ.
1995 Estrutura silábica e articulação secundária em Tapirapé. *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*, Wetzels L. (org.), pp. 151-194. Rio de Janeiro: UFRJ.
2003 A nasalidade vocálica em Tapirapé. *Revista Letras de Hoje* 134: 49-61.
2007 Problemas de análise da língua Tapirapé. *Línguas e Culturas Tupí*, Cabral A. S. A. C. & Rodrigues A. D. (orgs.), Vol. 1.: 375-383. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú.
- LEITE, Yonne F., SOARES, Marília Facó & SOUZA, Tânia C.
1987 O papel do aluno na alfabetização de grupos indígenas: a realidade psicológica das descrições lingüísticas. *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*, Pacheco J. O. F. (org.), pp. 241-264. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero/UFRJ.
- PAULA, Eunice Dias de
1999/2000 Fazendo as regras: a relação dos Tapirapé com a escrita. *Revista do Museu Antropológico* vol. 3-4/1: 43-52.
- RODRIGUES, Aryon D.
1985 Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia* 27/28: 33-53.

2003 Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras. *Revista Letras de Hoje* 134: 11-24.

2005 As vogais orais do Proto-Tupí. *Novos estudos sobre línguas indígenas*, Rodrigues A.D. & Cabral A. S. C. (orgs.), pp.35-46. Brasília: UnB.

SOARES, Marília Facó

1997 Duas experiências relacionadas com a escrita em línguas indígenas. *Leitura e escrita em escolas indígenas*, D'Angelis W.R. & Veiga J. (orgs), pp. 34-52. Campinas: ALB/Mercado de Letras.

SOARES, Marília Facó & LEITE, Yonne

1991 Vowel Shift in the Tupi-Guarani Language Family: a typological approach. *Language Change in South American Indian Languages*, Key M. R. (ed.), pp. 36-53. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

SOARES, Marília Facó & SOUZA, Tânia Clemente

1983 Alfabetização Tapirapé: reflexões sobre uma experiência. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 4: 107-114.

TRUBETZKOY, Nikolai S.

[1939] 2008 *Princípios de Fonologia*. D'Angelis W. (trad.). Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, (no prelo).

1